

8.03.05 - Artes / Teatro

DAS PRATELEIRAS À CENA: LEITURAS DRAMÁTICAS A PARTIR DE ACERVOS E LABORATÓRIOS DE ESCRITORES

Felipe Antonio Rodrigues de Oliveira^{1*}, Elen de Medeiros²

1. Estudante de Licenciatura em Teatro pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA – UFMG)
2. Professora da Faculdade de Letras/UFMG

Resumo

O projeto “Das prateleiras à cena: leituras dramáticas a partir de acervos e laboratórios dos escritores” visa a extroversão e mediação do acervo literário e documental do Acervo de Escritores Mineiros (AEM) para o público visitante através de criações cênicas. O AEM localiza-se no terceiro andar da Biblioteca Central da UFMG, Campus Pampulha, e abriga a exposição permanente “Laboratório do Escritor”, com cópias mimetizadas do que teria sido o escritório dos autores cujos fundos se encontram sob salvaguarda do Acervo.

São objetivos do projeto: Investigar o corpo documental do AEM e pesquisar a obra dos autores e autoras presentes na exposição “Laboratório do Escritor”, a fim de subsidiar as criações cênicas a serem desenvolvidas e apresentadas ao público como forma de mediação da exposição. Dessa forma, almeja-se aproximar os visitantes da produção de escritores e escritoras mineiros, contribuindo com a formação de leitores literários e também com a apreciação de teatro.

Palavras-chave: Mediação; Teatro; Literatura

Apoio financeiro: Rede de Museus/UFMG.

Trabalho selecionado para a JNIC: PRPq/UFMG

Introdução

Minha atuação como bolsista de Iniciação Científica no projeto “Das prateleiras à cena: leituras dramáticas a partir de acervos e laboratórios dos escritores” se iniciou em março de 2020 e se estendeu até fevereiro de 2021. Neste período, desenvolvi as atividades orientado pela Professora Elen de Medeiros em parceria com o coordenador do projeto, Marcelo Novaes, bem como com minhas colegas bolsistas Mariana Nolaço (PROEX/UFMG) e Ana Beatriz Cucaroli (CENEX-FALE). Durante esse ano, em decorrência da pandemia da COVID-19, tivemos o desafio de realizar as pesquisas práticas e teóricas de forma remota, o que demandou de nós, criatividade para desenvolver estratégias que possibilitassem a continuidade do projeto.

Mesmo com cada um em sua casa, a equipe do projeto manteve aceso o desejo de continuar suas atividades de mediação, por entender a importância de iniciativas que aproximem o público de espaços culturais como o museu, contribuindo dessa forma para a não hierarquização dos conhecimentos. A confluência entre mediação e teatro mostrou-nos uma possibilidade profícua para isso. No poema “IMANÊNCIA”, publicado no portal de teatro Primeiro Sinal, sobre teatro em tempos de pandemia, a dramaturga Dione Carlos diz:

O teatro já aconteceu em templos, arenas, ruas de terra, praias, carroças, florestas, praças públicas, caixas pretas fechadas, pelo deserto, durante guerras, inquisições e pandemias...

Por que não andaria por computadores, celulares e afins?

Vocês acham mesmo que o teatro temeria a rede social durante o isolamento social?
(CARLOS, 2020, p. 3)

Da mesma forma, nós acreditamos que era possível, através de abordagens comuns ao teatro, manter vivos os objetivos do projeto, e reformulamos nossas atividades para as redes sociais. Diante o novo cenário, foram adaptados os objetivos principais do projeto: a) Investigar o corpo documental do AEM e pesquisar a obra dos autores e autoras presentes na exposição “Laboratório do Escritor”, a fim de subsidiar as criações cênicas e dramáticas a serem desenvolvidas e apresentadas ao público; b) realização de produtos artístico-culturais de diversas linguagens midiáticas para circulação nas redes sociais, tendo como premissa o universo literário salvaguardado pelo AEM, objetivando a continuidade de mediação literária.

Metodologia

Em 2020, em decorrência da COVID-19 e das medidas de distanciamento social adotadas, e a adaptação das atividades do AEM para plataformas digitais, mantendo o objetivo de extroversão do material arquivístico e literário do museu, criamos uma radionovela. A escolha do formato se dá pelo seu grande sucesso com o público no passado e sua similaridade com o formato de *podcasts*, que atualmente são sucessos entre o público de serviços de *streaming*.

A equipe selecionou o romance “A volta para Marilda”, de Oswaldo França Júnior, escritor mineiro presente na exposição “O Laboratório do escritor”, como obra a ser adaptada para radionovela. Todos os membros da equipe se debruçaram igualmente sobre o romance e, dessa forma, todos tinham pleno conhecimento sobre o material, o que ajudou a tomar decisões assertivas durante o processo de criação que se deu de forma completamente remota, durante cinco semanas entre os meses de maio e junho de 2020.

Primeiro, foi necessário investigar a estrutura de uma radionovela para nos mantermos fiéis ao gênero. A pesquisa nos atentou a uma das características mais importantes das radionovelas: os ganchos de suspense entre os capítulos. Ao final de cada capítulo se apresenta algum acontecimento marcante que só será desenvolvido no capítulo seguinte, deixando o espectador curioso. Este foi um dos primeiros desafios no processo de adaptação, uma vez que no romance “A volta para Marilda” a narrativa se desenrola de maneira bem linear e pouco surpreendente. Por isto, elevamos algumas situações do texto ao limite. Em alguns casos, criamos situações que permitissem terminar cada capítulo com um suspense.

Assim, seguimos com a etapa de criação. Nessa etapa, a cada semana foi trabalhado um capítulo diferente: cada um dos bolsistas ficou responsável pela criação de uma cena do episódio. Então, nos reuníamos em uma sala de reunião virtual para realizar leituras dramáticas do episódio da semana, quando era possível perceber falhas do roteiro ou ajustes necessários antes de seguir para o capítulo seguinte. Um dos maiores desafios foi transformar um texto essencialmente narrativo e em primeira pessoa para diálogos. Para isso, nos valem do entendimento do melodrama, por sua grande similaridade com os diálogos envolventes das antigas radionovelas: “Os diálogos do melodrama acusam, assim, os tiques, da linguagem sentimental, dramática e realista própria de cada geração” (THOMASSEAU, 2005, p. 128). Isso também ajudou a homogeneizar os capítulos mesmo escritos por pessoas diferentes.

Ao final de cinco semanas, estava pronto o roteiro de cinco capítulos da radionovela “A volta para Marilda”. Além de escrever, os bolsistas, que além de pesquisadores são atores, atuaram e realizaram a edição da radionovela. A edição contou com uma pesquisa sonora-musical que remontasse aos cenários da cidade de Belo Horizonte (MG) dos anos 70, quando a história se passa. A radionovela encontra-se disponível nas plataformas *Spotify*, *Soundcloud* e *Anchor*.

Resultados e Discussão

No início do ano de 2020 o projeto contava com as cenas “Murilo Rubião em cena”, sobre a vida e obra do escritor, e “O caso do um milhão de cópias”, sobre a vida e obra da escritora Lúcia Machado de Almeida, e nosso objetivo era retomar essas cenas e criar outras. Porém, em decorrência do COVID-19 e das medidas de distanciamento social adotadas, tudo mudou completamente. Isso possibilitou repensar todas as ações do AEM e nos impôs novos desafios. A partir da adaptação das atividades do AEM para plataformas digitais, mantendo objetivo de extroversão do material arquivístico e literário do museu, criamos e produzimos a radionovela “A volta para Marilda”, inspirada no romance homônimo de Oswaldo França Júnior. A radionovela foi divulgada pelos meios de comunicação da UFMG, além de ter rendido matérias em mídias de circulação local, como o jornal *O Tempo*. Encontra-se disponível para acesso no *Spotify* e *Soundcloud* do AEM.

Entendemos a mediação como “oferecer possibilidades de interpretação ao indivíduo em contato com o bem cultural [e que] A interpretação é, entretanto, um processo contínuo de modificação, adaptação e extensão que permanece aberto às possibilidades de mudança” (CABRAL; RANGEL, 2008, p. 164). Percebo que ao fazer isso através de abordagens teatrais, ao mesmo tempo em que se respeitam as possibilidades de interpretação do público diverso do AEM -- uma vez que o teatro carrega em si a abertura de sentidos -- também aproxima o público do espaço museal ao apresentá-lo vivo e dinâmico. Ao apropriar-se da linguagem teatral, os indivíduos conquistam autonomia para interpretá-la ao seu modo (DESGRANGES, 2005, p. 6). Se pensarmos exposição museal e literatura também como linguagens, o contato com uma delas possibilita uma melhor apropriação de todas.

Ainda que afastados do espaço físico do AEM, em decorrência da pandemia, as atividades realizadas em meio digitais podem ser avaliadas como positivas ao levar em consideração a possibilidade de atingir outros públicos que no futuro -- quando for possível -- podem se interessar em conhecer o espaço e todo seu acervo, ao mesmo tempo que podem ter acesso a um modo de extroversão de literatura por outras linguagens.

Como resultado, podemos citar o êxito na Semana do Conhecimento UFMG 2020, em que o trabalho apresentado por mim, levando o nome do projeto, recebeu os prêmios de Relevância Acadêmica na XXIX Semana de Iniciação Científica e Menção Honrosa da área de Linguística, Letras e Artes na Semana do Conhecimento da UFMG. Além disso, no final do ano passado, nossa equipe organizou um livro que discorre sobre os processos de criação e metodologia utilizada para realização da radionovela, em que cada um dos integrantes assina um capítulo que discorre sobre a atividade que mais desenvolveu, além de trazer o roteiro

completo escrito pela equipe. Intitulado “A volta para Marilda: Roteiro Completo e processo de criação”, o livro encontra-se disponível em e-book no *site* do Laboratório de Edição da FALE-UFMG.

Conclusões

A arte e cultura mostram seu valor mesmo em tempos de adversidade. O projeto “Das prateleiras à cena”, ao atuar diretamente com as duas áreas, entendeu e abraçou a sua responsabilidade em continuar desenvolvendo da melhor forma possível a mediação do acervo do AEM mesmo em um ano com tantas restrições.

O processo de criação da radionovela “A volta para Marilda” aponta caminhos interessantes para pensarmos processos criativos em tempos de pandemia, bem como metodologias de criação em grupo em meios digitais. Foi, nesse sentido, repensar o processo metodológico para o modo remoto. Substituir o contato caloroso do presencial por salas virtuais pareceu-nos um desafio assustador no começo, mas pouco a pouco fomos encontrando nossas estratégias para driblar essas dificuldades. Uma vez que o processo de mediação e o teatro são frutos do encontro e da troca, criar nessas condições apresenta desafios que vão muito além de falhas na conexão de internet ou *delays* de áudio e vídeo. Por isso, compartilhar essas experiências se torna muito importante, não só como forma de documentar, mas de compartilhar com outros artistas e pesquisadores processos possíveis para o tempo que vivemos.

Durante muito tempo, em espaços como museus, era comum pensar o público como “particularmente desprovido da possibilidade de exercer qualquer papel criativo e participativo em nível cognitivo, na construção de conhecimentos nos museus” (LOPES, 2001, p. 24). Ao propor uma mediação de um espaço museal através do teatro, o projeto coloca o público como co-construtor de conhecimento, uma vez que diante de uma encenação teatral ele é apresentado a infinitas possibilidades de interpretação às quais cada pessoa pode chegar. O cantor e compositor Milton Nascimento, na canção “Nos bailes da vida”, diz: “Todo artista tem de ir aonde o povo está”. Migrar nossas atividades para as redes sociais é fazer justamente esse movimento de ir ao encontro de nosso público. Quando pudermos voltar às atividades presenciais, talvez levaremos a sabedoria de que a *internet* não deve ser um espaço a ser esquecido ou subestimado, mas sim como uma ferramenta que acrescenta possibilidades de atingir outros públicos, outros espaços.

Apesar de a pesquisa ter se encerrado, reconhecemos que o campo na qual ela se insere é muito vasto, e que o novo contexto mundial aumenta ainda mais as possibilidades de pesquisa nesta área. Por isso, ela não apresenta conclusões definitivas, além daquelas que já expomos, mas abre espaço de diálogo e troca de experiências, o que nesse momento é sua maior contribuição, uma vez que as experiências são ainda todas muito recentes.

Referências bibliográficas

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. A curadoria de processos educativos de ações esparsas à curadoria. In: BITTENCOURT, José Neves (Org). Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. 1. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 160 - 170.

CARLOS, Dione. IMANÊNCIA. Primeiro Sinal. Disponível em: <<https://primeirosinal.com.br/imanencia/>>. Acesso em: 06/02/2021.

DESGRANGES, Flávio. Quando Teatro e Educação ocupam o mesmo lugar no Espaço. In: DESGRANGES, Flávio. Caminho das Artes/A Arte fazendo Escola. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2005.

THOMASSEAU, Jean-Marie. O melodrama. Trad. e notas Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo, Perspectiva, 2005.

LOPES, Maria Margareth. Museus, história, educação e ciências - Contradições e exclusões. *Ciência e Ensino*, São Paulo, n. 10, p. 23-25, jun. 2001.